

O POTENCIAL DOS MEIOS DIGITAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: A CULTURA EM FOCO NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

THE POTENTIAL OF DIGITAL MEDIA FOR TEACHING HISTORY: FOCUSING CULTURE IN THE MIDDLE AND HIGH SCHOOL CLASSROOM

Amaro Jose de Souza Neto¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

A presente pesquisa pretende debater o uso de acervos digitais com temáticas relacionadas a cultura e a sociedade no Ensino de História para a Educação Básica. Na abordagem proposta, o marco temporal será a segunda metade do século XIX, passando pela abolição até o começo da Primeira República. Através de uma perspectiva influenciada pela Metodologia Dialética e a Pedagogia Histórico-Crítica, tem como objetivo dar mais sentido ao imagético nos conteúdos curriculares para os estudantes por meio do uso de recursos audiovisuais em sala de aula. Em um primeiro momento, será debatido o contexto de digitalização que ocorre no mundo e sua relação com o espaço escolar, junto a necessidade de considerar a importância que a cultura visual exerce sobre as novas gerações de estudantes, que já se alfabetizam conectadas. Posteriormente, a hipótese do uso dos elementos culturais como elo de interesse dos alunos é apresentada de acordo com as diretrizes da BNCC, elaborando propostas didáticas com fontes primárias e secundárias para alcançar um ensino empático, que seja significativo para o educando. Conclui-se que essa transição tecnológica é um denso processo histórico que impactará as divisões de trabalho de modo geral, o espaço escolar está incluso e pode ser adaptado de forma benéfica como exemplo de uso responsável das novas ferramentas.

Palavras-chave: Humanidades Digitais; História Cultural; Ensino de História; História Digital.

ABSTRACT

The present research intends to debate the use of digital collections with themes related to culture and society in teaching History for Middle School and High school. In the proposed approach, the time frame will be the second half of the 19th century, passing from abolition until the beginning of the First Republic. Through a perspective influenced by Dialectical Methodology and Historical-Critical Pedagogy, it aims to give more meaning to imagery in curriculum content for students through the use of audiovisual resources in the classroom. At first, the context of digitalization that occurs in the world and its relationship with the school space will be discussed, along with the need to consider the importance that visual culture exerts on the new generations of students, who are already literate connected. Subsequently, the hypothesis of the use of cultural elements as a link of interest to students is presented according to the guidelines of the BNCC, elaborating didactic proposals with primary and secondary sources to achieve empathic teaching, which is meaningful for the student. It is concluded that this technological transition is a dense historical process that will impact the divisions of work in general, the school space is included and can be beneficially adapted as an example of responsible use of new tools.

Keywords: Digital Humanities; Cultural History; History teaching; Digital History.

¹ Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-graduando Especialização em Ensino de História pela PROPGPEC do Colégio Pedro II Rio de Janeiro. Monitor de História no Programa Social Salvaguarda. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1650-6271>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7121287966726187>. E-mail: amariosouzaneto@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A tecnologia ganha cada vez mais espaço na contemporaneidade, quase todas as tarefas e atividades cotidianas perpassam por ferramentas digitais, a escola não fica de fora dessa transformação, está inserida e é ressignificada a todo momento. De forma exponencial, as relações sociais também estão sendo impactadas pela inteligência artificial e os algoritmos. No comércio, no trabalho, nas horas de ócio, os aplicativos para comer, se locomover e encontrar relacionamentos, enfim, nas mais diversas esferas da vida corrente.

O período da pandemia de COVID-19 e a necessidade do distanciamento entre as pessoas criou uma situação inédita para as escolas, em que as tecnologias de comunicação precisaram ser utilizadas num local que antes eram limitadas ou proibidas. Essa mudança obrigou o espaço escolar a acelerar uma integração que já vinha gradualmente acontecendo, dificultada pelos dilemas trazidos pela falta de inclusão digital e pelas atuais carências presentes no setor da educação pública nacional. Como resultado dessas circunstâncias, é preciso pensar a escola do século XXI dentro dessa dinâmica tecnológica, buscando aproveitar as possibilidades oferecidas fomentando um uso responsável das ferramentas digitais.

O presente estudo tem como objetivo debater o uso integrado de recursos tecnológicos na aula de História para a Educação Básica, propondo a elaboração de sequências didáticas, como ideias para projetos internos e externos com a comunidade escolar, sugerindo abordagens com diferentes tipos de fontes e acervos a serem utilizados. As propostas dialogam com as competências e habilidades requisitadas pela BNCC, em relação ao trato das fontes e as tecnologias de comunicação. Em síntese, o marco temporal para as propostas didáticas é a segunda metade do século XIX até o início a Primeira República, que frequentemente são tratados entre o 8º e 9º ano e posteriormente no 3º ano do ciclo final.

A aula de História é terreno fértil para usufruir desses dispositivos eletrônicos portáteis de formas diversas, sendo muitas vezes o local onde tanto o debate sobre o assunto ocorre por estar no currículo quanto é interpelado pelos próprios estudantes, que trazem informações das redes para debater em aula. A apropriação desses recursos pelo professor na sua didática é a saída mais profícua para essa nova realidade, tornando a aula

mais interativa e interessante, ao demonstrar para os alunos que além de compreender e manejar as tendências é possível ter uma postura reflexiva sobre elas. Ao longo da pesquisa, a cultura será mobilizada como elo principal entre os temas, a partir de uma perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, Dermeval. 2003) e de conhecimentos da Metodologia Dialética, (VASCONCELLOS, Celso dos S. 1992), que busque adaptar os conhecimentos tornando-os significativos e palatáveis para os estudantes.

O ENSINO E O ESPAÇO ESCOLAR NA ATUALIDADE

Se ao longo da História, das pinturas rupestres às propagandas nazistas, as imagens tiveram papel importante na maneira como o ser humano se enxerga e interpreta o outro, no mundo globalizado essa presença é catalisada pelo ininterrupto fornecimento de estímulos através das mais diversas telas dos celulares, tablets e televisores, presentes na esfera pública e privada das nossas vidas. Para debater a escola nessa realidade, é preciso considerar a importância que os elementos da cultura visual têm para gerações que já se alfabetizaram conectadas, e que por consequência tem outro tipo de experiência e relação com essas tecnologias, sua capacidade de prestar atenção já foi treinada dentro dos moldes dessas ferramentas.

A aprendizagem é um procedimento mental complexo e que envolve muitas variantes, ocorre de forma diferente para cada pessoa e pode ser influenciado pelo ambiente ao redor, tornando sua efetividade mais ou menos propícia. Partindo do pressuposto que o educando precisará estabelecer relações de troca com o docente para aprender de forma mais concreta, é de suma importância a busca por dar sentido ao que está sendo ensinado, para que haja um elo na convivência.

A falta desse vínculo gera um afastamento do estudante com o conteúdo, que perde o interesse e foca apenas na obrigação de ter que realizar uma prova e ser aprovado, optando por táticas de memorização que não irão manter o que foi aprendido a longo prazo. Não se trata de negligenciar os aspectos mais técnicos da sala de aula deixando em menor evidência os conteúdos programáticos, mas buscar convergir o uso dessas ferramentas com os objetivos curriculares propostos. É necessário competir por essa atenção do estudante até alcançar sua curiosidade, quando então prosseguirá atento pelo próprio interesse.

Em uma mesma turma para além das especificidades dos estudantes, que trazem cada um suas memórias e vivências coletivas, pode haver alunos com níveis de compreensão totalmente diferentes acerca das mesmas matérias. Dentro dessa realidade diversa do magistério, é fundamental ampliar recursos que possam auxiliar essa integração dos estudantes, para que a apresentação contemple o maior número possível dos presentes na aula. A escolarização é um longo percurso que transmite para os educandos uma série de procedimentos formais, códigos linguísticos e símbolos.

Cabe ao professor tentar traduzir da melhor forma esses conhecimentos, podendo partir de concepções mais gerais para as específicas e do senso comum ao conhecimento científico, no caso da História transformando conhecimentos historiográficos consolidados em aprendizagem. Essa reflexão destaca o papel do professor como aquele que além de deter os conhecimentos específicos de sua área, precisa mobilizar um arcabouço didático de metodologias possíveis adequando as necessidades de cada momento, operacionalizando todos esses elementos de forma simultânea, atento a qualquer dinâmica que possa demandar uma nova posição do docente.

Pesquisas contundentes (MONTEIRO, A. M., & PENNA, F. de A. 2011 p. 194 & TARDIF, Maurice, 2002.) demonstram como os docentes precisam lidar com múltiplos saberes na sua prática profissional, sendo necessário uma constante adaptação de como se dará a aula conforme as necessidades e peculiaridades de cada escola ou segmento. No caso de Flávia Caimi (2015 p. 110-115), a autora debate que para ensinar História é preciso saber, antes da própria história, saber como ensinar, conhecer seus alunos, escola e projeto pedagógico para assim melhor construir sua aula. Complementando a visão da pesquisadora, o docente atual para além de todas essas dimensões também precisará usufruir e dominar o uso de ferramentas tecnológicas, se inserir no mundo digital. É preciso conhecer a historiografia e saber “didatizar” um ensino de forma humana dentro das circunstâncias variáveis, estabelecendo essas etapas através do uso de recursos digitais.

As fontes exercem um fator fundamental no estudo da História acadêmica, a visão dos estudiosos sobre elas já mudou significativamente, do predomínio das fontes escritas oficiais até a dilatação dessa noção, passando a considerar os mais diversos itens como fontes a partir das perspectivas da *Escola do Annales* e das produções da História Social. Na aula de História, as fontes normalmente são usadas como referenciais dos contextos nas unidades para discutir problemáticas. Podem ser utilizadas como gatilhos para instigar

a participação dos estudantes, reforçam conceitos ou acontecimentos históricos aparecendo como “exemplos de época”, que ilustram características do cotidiano que está sendo estudado.

A digitalização dos acervos de fontes físicas e uma nova tendência de armazenamento computacional sinalizam para uma presença cada vez maior de fontes digitais no estudo histórico. Conversas e publicações de redes sociais já são usadas judicialmente como provas jurídicas efetivas, é plausível prever que em curto espaço de tempo, os historiadores poderão estar se debruçando sobre fontes puramente digitais para estudar os marcos temporais a partir dos anos 2000 ou da história mais recente. Como, por exemplo, estudar a eclosão da Primavera Árabe no Oriente Médio e Norte da África entre 2010 e 2012 sem considerar o papel das redes e smartphones? Numa perspectiva similar, pode-se analisar os impactos de postagens de redes sociais, como o Twitter, feitas por contas de presidentes ou chefes de estados, afetando as relações internacionais de comércio, política, eleições e a própria imagem que a sociedade tem das instituições.

Uma vez que o armazenamento de dados se torna cada vez mais eletrônico, as formas de registro da história também acabam sendo, abordar esses registros é tema da primeira unidade temática voltada para o 6º ano do Fundamental intitulada “História: tempo, espaço e formas de registros” (BRASIL. Ministério da Educação. BNCC, 2018 p. 420). Portanto, é interessante trabalhar com os alunos a noção de que estão a todo momento vivenciando a história, estão inseridos nesse processo e tem contato com formas de produção do conhecimento histórico do seu tempo específico.

Essas orientações de análise do mundo contemporâneo a partir da noção de como a tecnologia da comunicação muda os hábitos sociais, já está presente desde os anos iniciais do Ensino Fundamental nas Competências Específicas para todas as Ciências Humanas na escola, especificamente nas normativas nº 02 e 07:

Competências Específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental:

2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo
[...]

7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

(BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018, p. 357).

As instruções demonstram que existe a possibilidade de um trabalho interdisciplinar entre os professores dessas áreas, viabilizando atividades em conjunto, internas ou externas para os pais e a comunidade escolar. No caso do Ensino Médio, essas orientações também aparecem nas competências disciplinares, todas as 6 competências específicas estabelecidas para esse segmento têm habilidades contidas relacionadas com as tecnologias e seu impacto cultural na sociedade. Chama atenção a constante presença desse tema de forma transversal, respectivamente nas habilidades: EM13CHS106, EM13CHS20, EM13CHS303 EM13CHS504, EM13CHS606 (BRASIL. Ministério da Educação. BNCC, 2018 p. 572-579).

A alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) por meio da lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que formulou o novo Ensino Médio, implantado a partir de 2022, com o projeto de itinerários formativos móveis, também abre brechas para o uso de recursos digitais. Essa abordagem pode ocorrer através dos blocos das trilhas de aprofundamento, projetos de vida e disciplinas eletivas, ao tratar do mundo do trabalho, de educação financeira, para o trânsito, ou mesmo ensino religioso. Em síntese, é notório que esta tendência cada vez maior desses temas sobre tecnologia nas orientações educacionais amparam as propostas didáticas, o analfabetismo digital deve ser combatido e há um respaldo legal para buscar esse objetivo em sala de aula.

Mesmo que não percebam, os estudantes se deparam com fontes históricas frequentemente no seu dia-dia, e podem ser treinados a terem um olhar mais crítico para essas situações, ao perceber como a ideia de fonte mudou ao longo da História e permanece em transformação. Sendo estimulados a fazerem paralelos com sua realidade cotidiana, por meio de diacronias e sincronias, essas orientações atentam para os ofícios do historiador no que tange a análise crítica dos fatos, demonstra uma das metodologias fundamentais do estudo científico, que para produzir um discurso histórico realiza críticas internas e externas as fontes.

No objetivo de efetivar a necessidade de aproximar os conteúdos dos alunos como explicitado anteriormente, se faz necessário demonstrar como os fatos históricos possuem algumas semelhanças e diferenças entre si ao longo do tempo, e nesse caso a disciplina de História tem amplitude para abordar temas desse espectro sem fugir das diretrizes

curriculares. Ao tratar, por exemplo, sobre ditaduras e a Declaração Universal de Direitos Humanos, independente do marco temporal que seja abordado, é possível traçar paralelos

com regimes autoritários atuais e a forma como os estudantes enxergam as violações desses direitos no nosso tempo presente. Respeitando a especificidade de cada época, evitando anacronismos, a intenção é demonstrar que os assuntos abordados em aula não estão desconectados da realidade atual, que aqueles conteúdos não estão presos ao passado.

Essa relação de passado-presente, está contida na versão da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL. Ministério da Educação. BNCC, 2018 Pg. 397-402), partindo da ideia de se relacionar constantemente os fatos históricos com o presente, a fim de se aproximar do contexto dos discentes. Nos meios acadêmicos enquanto pesquisadores, compreendemos essa relação complexa e fluída que passado e presente possuem entre si, recheada de rupturas, permanências e reapropriações. Entretanto, para auxiliar os estudantes a captar essa dimensão, o uso de elementos já previamente conhecidos pode criar, como apresenta Lev Vygotsky uma “Zona de desenvolvimento proximal (VYGOTSKY, 1978 p.79-81)”, que existe entre os conhecimentos prévios dos estudantes e o auxílio do professor, caminhar através do que o estudante já sabe pode facilitar a reduzir visões reducionistas.

A premissa de partir de um bloco de conhecimentos do senso comum dos alunos é a primeira etapa da sequência didática aqui defendida, mesmo que esses elementos só sejam superficialmente conhecidos pelos estudantes. Para tais reflexões, a metodologia dialética apresentada por Celso Vasconcellos (1992, p. 107) foi utilizada como referencial teórico, no sentido em que busca constantemente estabelecer uma relação de troca com os estudantes, através do método de raciocínio da oposição de uma tese e antítese para chegar a uma síntese. Compreendendo que o estudante precisa construir as próprias relações e agir sobre o conhecimento que foi apresentado para internalizar e aprender. Isso significa, que apenas uma aula expositiva pode não ser suficiente para que absorvam o que foi tratado.

A realização de atividades de tipos diferentes pode fomentar esse processo, avaliações diagnósticas e graduais que partam das próprias noções dos estudantes que o façam definir a priori o conceito ou fato histórico através dos seus conhecimentos prévios,

e depois num momento posterior recolocar o mesmo estudante para elaborar uma definição sobre o mesmo assunto tratado, mas demandando que o faça agora de forma completa e relacionando com as discussões realizadas. Mais do que reforçar os conteúdos, é necessário que o próprio aluno realize atividades, pois assim está ressignificando o que aprendeu com seu próprio vocabulário, a elaboração de uma resposta passa por uma etapa organizacional da própria consciência do estudante, que vai relacionando os novos elementos que aprendeu para construir uma noção mais sólida sobre o assunto da aula.

Essas etapas também podem preparar melhor os discentes para realização de avaliações formativas, de cunho qualitativo e que terão peso de nota no boletim, já que precisarão nessa etapa mobilizar de forma mais complexa o que aprenderam relacionando com o que está sendo pedido na prova. A ação de aprender ocorre através da relação dos conhecimentos prévios que os alunos possuem e o novos apresentados. O aprendizado significativo é reforçado ao ser praticado pelo aluno em atividades, o aprender-fazer, onde se estabelece uma relação mais profunda do que a memorização, o vínculo pode ocorrer quando o estudante ressignifica aquele conhecimento, por exemplo como quando explica um conceito com suas próprias palavras, quando redige uma atividade escolar que esteja mobilizando de forma criativa as temáticas da unidade.

A MÍDIA E A CULTURA: PROPOSTAS DE ABORDAGENS

Como apresentado e abordado anteriormente, vivemos em um momento de desenvolvimento exponencial das tecnologias, em que as mídias nos mais diversos aparelhos e plataformas são consumidas intensamente. Objetivando mobilizar elementos dessa cultura visual dentro de sala de aula, serão discutidas sequências didáticas que utilizem essas ferramentas. A proposta é utilizar algumas fontes digitais como veículos de comunicação de época, datadas entre o fim do século XIX e início do XX, mobilizando revistas, jornais, anuários, boletins e folhetins disponíveis em arquivos digitais, em destaque para acervos como a Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional e a Biblioteca Digital do Senado Federal.

A Hemeroteca da Biblioteca Nacional tem amplos conjuntos organizados de periódicos, oferece uma variedade de veículos de imprensa, de 1808 até o século XX, da imprensa de massa até fontes mais alternativas. A Biblioteca Digital do Senado Federal por sua vez, contém documentos considerados de interesse público pelo estado, diversos tipos de materiais são encontrados como fotografias, documentos legislativos, fascículos,

relatórios, obras raras, entre outros. De modo geral são fontes formais, mas que tem certa relevância, existem registros sonoros disponíveis como áudios de discursos e entrevistas, possibilidade extra de trazer uma fonte oral na sala de aula debatendo a oralidade na história, transmitindo para a turma o áudio por um amplificador sonoro *bluetooth*.

Ambas as plataformas são gratuitas e de fácil acesso ao docente, como forma de organização usam ferramentas de buscas que filtram através de palavras, ano de publicação, periódico ou tipo de fonte. O professor pode então retirar desses acervos fontes para serem relacionadas com as unidades do ano letivo, iniciar debates ou propor atividades em cima de arquivos com tipologias diferentes. Na etapa prática de se aplicar as fontes em aula a possibilidade de projetar a imagem em um aparelho facilita o engajamento da turma, entretanto caso não haja essa possibilidade, é possível imprimir os papéis com as fontes ou reescrever no quadro para após ler em conjunto.

Essa abordagem iconográfica tem grande importância nessa proposta didática, pois como já explicitado, muitas relações podem ser estabelecidas através dos símbolos e signos que estão presentes nas imagens. Existem várias camadas numa mesma imagem, é possível trabalhar com noções de representação, conceitos e referências, que podem captar os estudantes de uma zona de distração para um momento de interesse. Outra possibilidade estimulante, caso haja disponibilidade do uso da internet em sala de aula, é propor uma atividade de pesquisa ao vivo com ferramentas de buscas online, como *Google, Yahoo, Microsoft Bing e Ask*. A atividade pode partir de afirmativas superficiais ou proposições do senso comum, realizando um processo de historicização dos sites, objetivando estimular o desenvolvimento de uma consciência crítica e o letramento digital. Trabalhar um conceito a partir de buscas e fazer análise de narrativas presentes em sites, abordando a checagem de informações dessas fontes, e por consequência debatendo também a desinformação.

Manifestações culturais podem cativar o interesse dos alunos de forma mais veloz, o objetivo é mobilizar esses aspectos do cotidiano, das práticas, ritos e festivais locais para poder criar o elo, da já abordada aprendizagem significativa, com os educandos. Esses temas que envolvem cultura são fecundos na história do Brasil, estudos demonstram (GONZALEZ, Lélia 1987 & ABREU, Martha, 1999) que já desde os tempos anteriores ao contato com os europeus e no posterior período colonial existiu grande quantidade de festas populares litúrgicas ritualísticas, profanas ou religiosas, com canto e dança em conjunto. Esses momentos de ócio, distração e convívio fortaleciam os

núcleos de sociabilidade que ali se formavam, essas tradições foram preservadas nos meios rurais e urbanos em várias regiões do país passando por ressignificações, era uma maneira das tradições irem passando de geração a geração os seus costumes.

De modo geral, tanto as matrizes ameríndias como africanas possuem um predomínio da cultura oral, abordar essa complexidade da transmissão de saberes e a formação de uma identidade nacional relacionada com esses elementos é algo fundamental para compreender a diversidade da sociedade brasileira. Considerando o amparo que as leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 forneceram, ao promulgar a obrigatoriedade da inclusão da história indígena e afro-brasileira nas matrizes curriculares, os docentes na sala de aula, do ensino público ao privado, podem ativamente buscar fomentar essas temáticas.

O roteiro do plano de aula se inicia com um debate a partir das noções e conhecimentos sobre informação e difusão dos saberes. Considerando um tempo de aula de duração com 50 minutos, é possível dividir a aula em 3 momentos. Em um 1º momento, o docente realiza perguntas motivadoras para fazer um breve debate coletivo em que os estudantes sintam abertura para participar. Essa primeira etapa seria de análise diagnóstica, tendo como objetivo compreender os conhecimentos da turma sobre aquela matéria e desenvolver uma conversação que esteja guiada pela historicização dos veículos de informação. Esse primeiro momento pode ter tempo estimado de aproximadamente 15 minutos. Entre algumas sugestões de perguntas iniciais que podem ser feitas as turmas estão: Como as informações circulam na sociedade em diferentes tempos históricos? Como você se informa atualmente? Como acha que era há 100 ANOS atrás? Podemos confiar em qualquer notícia veiculada em meios de comunicação?

A partir das respostas geradas dessa conversação, o docente prossegue apresentando um trecho de reportagem selecionada anteriormente e que tenha relação com o tema da aula, pode por exemplo, utilizar uma manchete de desfile de carnaval de rua dos cordões cariocas, organização de cortejo anterior às Escolas de Samba. De modo geral, a abordagem conceitual da aula será o estudante refletir sobre a sociabilidade urbana dentro do contexto da diáspora africana da cidade do Rio de Janeiro, vendo como grupos culturais populares negociavam sua resistência. Nesse 2º momento, ocorre uma leitura guiada da reportagem escolhida, apresentando a noção do que é uma fonte histórica, ao mesmo tempo em que irão refletir sobre os mecanismos de inserção dos negros na sociedade pós abolição e sua contribuição cultural para a identidade brasileira.

Essa etapa de leitura da fonte e debate simultâneo poderia durar até 25 minutos, estabelecendo constantes relações com o tempo presente, comparando o jornal e a internet como espaços de narrativa e memória e poder chamar atenção dos estudantes pelo uso dessas fontes. Numa última etapa, o 3º momento consistiria em separar a turma em grupos

para que analisem novas reportagens temáticas pré-selecionadas do seu interesse para elaborar uma apresentação, as manchetes não devem ser muito longas nesse primeiro estágio. Esse momento da divisão dos grupos e seleção das fontes pode durar até 10 minutos, a partir dessa etapa, os grupos podem resumir o que encontram nos pequenos recortes, de forma oral para a turma.

Posteriormente, esses mesmos grupos que apresentaram ficam responsáveis para apresentar um trabalho de pesquisa com fontes semelhantes em aulas seguintes, é importante que o docente tenha antecipadamente uma coletânea de manchetes que considere pertinentes às unidades que irá abordar. Dependendo do engajamento da turma, essa atividade pode ser prolongada pelo bimestre ou trimestre, concluindo algum ciclo das unidades, em que os temas abordados nos jornais estejam em proximidade com os assuntos das aulas e conseqüentemente das avaliações. Ao longo desses estágios será feito e refeito o exercício de desvendar um documento, o jornal ou revista apresentado aos estudantes é transformado numa fonte concreta de estudo, após uma postura historiadora do estudante guiado pelo professor sob o material.

Dentro da linha cronológica entre 1890 e 1930, em relação à imprensa como boa parte desses jornais eram extremamente partidários vinculados a oligarquias, é bem possível que ao realizar a busca pelos temas, o docente possa encontrar reportagens e crônicas com visões preconceituosas. Todavia, é possível trabalhar a partir desses estereótipos, desconstruindo-os gradativamente, apresentar uma fonte em um primeiro momento, e num segundo momento demonstrar quão tendenciosa ou inverídica era, demonstrando como a construção de narrativa não é algo exclusivo dos tempos atuais. Pode-se pensar em atividades e selecionar as fontes para os estudantes a partir de temas da participação mulheres na sociedade, propagandas, o mundo do teatro, as crônicas, a presença da cultura negra, grupos populares de resistência, mundo do trabalho.

Essa atividade com leituras de fontes primárias ou secundárias se relaciona com as atividades da disciplina de Língua Portuguesa. Na grade curricular, ao estudar alguns gêneros textuais há a possibilidade de conjugar uma atividade interdisciplinar com as disciplinas de Português e Literatura. Ao estudar os gêneros literários do Prémódernismo, abordando por exemplo Lima Barreto, ou as crônicas reportagens de João do Rio, assim como muitos outros escritores consagrados brasileiros dessa época trabalharam na imprensa, para o século XIX pode-se abordar a carreira jornalística de Machado de Assis. Outra possibilidade de atividade interdisciplinar para essa sequência didática é com as disciplinas de Artes e Música, propondo produzir trabalhos que façam recortes de imagens abordando manifestações artísticas de época, como os desfiles de carnaval.

De forma complementar é possível a elaboração de um jornal com reportagens criadas pelos próprios estudantes para representar a disputa pela narração dos fatos dentro do tempo histórico que está sendo estudado. A atividade seria os alunos construírem o próprio roteiro de suas apresentações e até mesmo o texto das reportagens, para em aula os grupos apresentarem diferentes versões dos fatos, sendo estimulados a defender seu ponto de vista. Em etapa posterior, é refeita a análise conjunta guiada pelo docente sinalizando como os espectadores, os alunos que não estavam apresentando, concordavam ou não com as exposições, que tinham sido mais ou menos convincente, uma representação alegórica, em que 2 grupos disputam a narrativa da verdade frente a turma, representando o povo, a turma ficaria em rodízio até todos os grupos apresentarem, logo cada estudante ficaria no papel de povo e simultaneamente na função de defender um ponto de vista.

Como essa proposta do uso dessas fontes é adaptável, será possível abordar diversos conceitos e noções como: conceitos de cidadania, República, diáspora, imaginário coletivo e representação, associativismo. Também há escopo para debater noções de notícias falsas e do “regime da verdade, fazendo paralelo com as “fake news” e desinformações atuais, noções de fontes históricas como domínio público e como funciona o seu acesso. No campo teórico, todo conceito pode ser manipulado pelo professor, e todo conceito é complexo, pode ser trabalho de várias formas, e se não é bem entendido pode ser superficialmente interpretado. É possível, por exemplo, entender a ideia de indivíduo a partir do outro, do senso do coletivo, ou partir da ideia de individualidade, do ego e persona. Portanto podemos embaralhar essas etapas e

reformular novas aulas com tipologias de fontes diferentes para cada situação, fazendo os devidos ajustes que possam ser necessários.

O professor tem a função de tentar contemplar o máximo de estudantes possíveis em sua aula, entretanto como explicitado anteriormente, numa mesma turma para além das especificidades dos estudantes que trazem cada um suas memórias, vivências coletivas e familiares pode haver estudantes com níveis de compreensão totalmente diferentes. Dentro dessa realidade diversa do professor, é fundamental ampliar recursos que possam auxiliar essa integração dos estudantes, para que a aula contemple o maior número possível de presentes na aula.

De maneira hipotética, pode-se dividir os alunos de uma mesma turma em 3 graus de entendimento: um primeiro (A1) que os estudantes têm menos conhecimentos prévios sobre o assunto a ser tratado, um segundo (A2) em que o estudante está no meio do caminho, possui os conhecimentos básicos, mas não consegue relacioná-los, e um terceiro (A3) onde o aluno além de ter conhecimento prévios sobre assunto consegue operacionalizar de forma complexa os conceitos e contextos abordados.

As tecnologias podem auxiliar em todos esses graus de entendimento, no mais básico (A1) pode fornecer elementos simbólicos visuais para que consiga ajudar o estudante a se aproximar do conteúdo abordado, para começar a fazer sentido e se interessar. No estudante que já possui alguns conhecimentos sobre a matéria (A2), auxiliaria a organizar o que já sabe para construir relações mais concretas com o conteúdo, estabelecendo elos com o direcionamento do docente. No estudante que já está mais inteirado daquela matéria (A3), esse uso ajuda a aprofundar as especificidades do tema, podendo gerar até uma vontade no estudante de aprender mais sobre aquele assunto para além da escola, elaborando as análises críticas e problematizações necessárias para uma visão histórica mais completa.

Em todos esses casos, o uso de elementos visuais ajudará o aluno a realizar comparações internas com suas próprias memórias, e a partir daí estabelecer elos, mesmo que ainda genéricos, pois quanto menos ele souber sobre o assunto mais difícil será de se interessar. Esse método busca evitar que os alunos acabem por fingir interesse ou ter uma postura omissa em sala, torcendo para que o tempo da aula acabe logo. Mas que ao contrário, se sintam instigados a participar, convidados a contribuir com suas opiniões e estarem dispostos a transformar suas noções aprendendo novos assuntos, conceitos e formas de pensar. Após captar a atenção do estudante fica mais viável o estabelecimento

dessas relações significativas, uma relação empática muitas vezes é um pré-estágio da criação do interesse do educando, é quando irá se aproximar do conteúdo e estabelecer uma segurança cognitiva.

Em virtude do já mencionado objetivo de se relacionar diretamente a proposta de plano de aula com a BNCC, a sequência didática desenvolvida no presente estudo, está inserida no Ensino Fundamental 2:

História do 9º Ano:

Unidades temáticas:

O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX

Objetos de conhecimento:

Experiências republicanas e práticas autoritárias: as tensões e disputas do mundo contemporâneo A Proclamação da República e seus primeiros desdobramentos

A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição.

Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações

Primeira República e suas características

Contestações e dinâmicas da vida cultural no Brasil entre 1900 e 1930

(BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018, p. 428)

Como citado acima, questões sociais e culturais estão inseridas nessa unidade temática, o fim da monarquia na transição para o período republicano e o fim da escravidão suscita diversas aberturas de problemáticas que podem ser debatidas para entender o real papel do estado com a sociedade em geral. Ainda nesse mesmo bloco proposto nas diretrizes, constam habilidades as EF09HI01, EF09HI03, EF09HI04, EF09HI07, EF09HI09 (Ibid, p. 429), que apontam para como essas temáticas do estudo da cultura afro-brasileira e dos povos ameríndios podem ser desenvolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados, conclui-se que vivemos em um momento da história humana cada vez mais propício ao uso das tecnologias na escola e a aula de História na Educação Básica tem notável potencialidade para essa aplicação. A apropriação desses métodos e linguagens deve guiar o docente na sua prática profissional cotidiana, a aula de História pode ser o momento de esclarecer melhor as informações encontradas nas redes, ser o local onde o estudante aprenderá a consumir esses dados de forma mais proveitosa e responsável para si e para o coletivo.

Através desses recursos, a aula se torna mais digerível e interessante para os estudantes, auxilia a cativar quem está desinteressado, ajuda a quem já tem algum interesse a ser localizado melhor na matéria, e quem já está atento e a par do assunto pode se aprofundar ainda mais nas especificidades do tema. A escola não precisa temer a tecnologia, como se fosse superada pela mesma, mas se adaptar as novas formas de relações nesse mundo contemporâneo, inserindo-a nas formas de aprender. Por mais que estejamos com cada vez mais ferramentas em nossos dias, a existência humana permanece permeada com seus dilemas existenciais e atemporais. A ansiedade, a desigualdade econômica e novas divisões do trabalho rondam as gerações atuais, o ser humano precisa mais do que nunca de referências, principalmente nas suas vivências significativas durante os ciclos da Educação Básica, onde ainda está amadurecendo.

Pela escolha do marco temporal entre o fim do século XIX e início do XX o presente estudo buscou propor atividades voltadas especificamente para 9º ano do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio, mas que podem ser ampliadas por outras temporalidades, com a mesma metodologia. Considerando que é preciso repensar a tradição moderna sob novas perspectivas, cada vez mais plurais, buscar entender as temporalidades históricas múltiplas dos povos, sem uma histórica única, rompendo com uma visão tradicionalista, os professores devem se apropriar dos meios digitais para efetivar essa mudança.

Essa constante dualidade entre racionalidade técnica e prática reflexiva acompanha o cotidiano escolar, que é repleto de imprevisibilidade. Em resumo, seria ter sempre em mente que esses itens tecnológicos podem facilitar a transmissão e assimilação das matérias, tentando guiar essa execução de forma empática. Reinventando as próprias ferramentas na falta de recursos, buscar ressignificar o próprio livro didático ou apostila que costumam ter uso frequente de itens imagéticos na sua elaboração ou levar fontes impressas para sala de aula.

Entre os principais desafios, estão a falta dessa formação para os professores, ainda nas universidades, para o uso profissional das tecnologias, por outro lado a ausência de recursos tecnológicos no espaço escolar e a falta de acesso aos dispositivos eletrônicos e internet pelos próprios estudantes, que ainda é uma realidade. Frente ao dilema da "inclusão digital total", que pode excluir ou invisibilizar quem não se digitalizar, a escola resiste e prossegue como principal etapa do projeto de vida de um cidadão em formação, o local que pode dar oportunidade para se relacionarem, conhecerem e aprenderem de

forma mais humanizada. A escola do século XXI, deve prezar cada vez mais por uma educação equânime, baseada no respeito a diversidade dos povos, a diplomacia e o uso sustentável do planeta.

As diretrizes educacionais presentes na versão mais recente da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), seja voltada para o Ensino Fundamental ou para o Ensino Médio, estão alinhadas para uma formação dinâmica e menos mecanizada, demandada pelas novas relações contemporâneas, caracterizadas por novas divisões de trabalho. Mesmo que ainda existam limitações na difusão das tecnologias, como o acesso à informação é cada vez maior, a competição também aumenta. É possível que em algumas décadas vejamos processos de automação no mercado de trabalho se aprofundarem. Vivemos a era da abundância da veiculação de informações, porém pela ampla quantidade de desinformação disponível nesse meio, o regime da "verdade", ou seja, a noção do que realmente é factível fica bagunçada, perdida no difuso oceano de possibilidades dos conteúdos existentes.

Como a internet já armazena as informações, atualmente não é mais o próprio saber em si que se torna o principal diferencial, mas sim a habilidade de operacionalizar os conteúdos de forma abrangente, fluída e reflexiva. O alcance da autonomia intelectual através do contato com o maior número de repertórios possíveis é uma ferramenta chave para melhorar a compreensão dos dilemas de nosso tempo. A aprendizagem não pode estar distante dos estudantes, para isso a escola tem que estar relacionada com as demandas da sociedade. É uma fase substancial da educação formal, mas também é onde os estudantes formam de modo particular parte da sua memória e identidade.

Uma das funções do espaço escolar é fornecer uma vivência coletiva de formação cidadã, em que os estudantes possam ter contato com outras realidades e com o mundo, um ensaio para a vida adulta. Dessa forma, aprendem muito mais do que os conteúdos formais presentes nas matérias curriculares, mas desenvolvem sua personalidade através de atitudes, tomadas de decisões frente a circunstâncias não esperadas, ampliam seu espectro cognitivo a partir das experiências e sentimentos que tem contato. A sala de aula é, portanto, o encontro de todas essas bagagens e expectativas, as memórias que cada aluno carrega somadas num objetivo educacional comum.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira-Fapesp, 1999.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em 15/07/2022.

_____. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 de janeiro de 2003, Seção 1, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em: 19/07/2022.

_____. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, 11 de março de 2008, Seção 1, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm> Acesso em: 16/07/2022.

CAIMI, Flávia. **O que precisa saber um professor de História? História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/23853>> Acesso em 10/07/2022.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1998.

GONZALEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil. Rio de Janeiro**: Index, 1987.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

KOFF, Adélia Maria Nehme Simão. **Escolas, conhecimentos e culturas: trabalhando com projetos de investigação**; Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009

MATTOS, Ilmar Rohloff. “Mas não somente assim!” **Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História**. em Tempo, v. 11, n. 21, 2006. p. 5-16. <<https://www.scielo.br/j/tem/i/2006.v11n21/>>

MONTEIRO, A. M. F. da C.; PENNA, F. de A. **Ensino de História: saberes em lugar de fronteira**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 36, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/15080>> Acesso em: 29/06/2022

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. **História e internet: conexões possíveis**. em Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 23-53, mai./ago. 2014.

DOI: 10.5965/2175180306122014023. Disponível em:
<<https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306122014023>>
Acesso em: 05/07/2022.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003

TARDIF, M., LESSARD, C. e LAHAYE, L. **Os professores face ao saber. Esboço de uma problemática do saber docente em Teoria & Educação**, nº 4, Porto Alegre: Pannônica, 1991. p. 215-233

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Metodologia Dialética em Sala de Aula**. In: Revista de Educação AEC. Brasília: abril de 1992 (n. 83) Disponível em <<http://www.celsovasconcellos.com.br/Textos/MDSA-AEC.pdf>> Acesso em 09/07/2022

VIGOTSKY, Lev S. **Interaction Between Learning and Development. Mind in Society**, Cambridge, 1978. MA: Harvard University Press, 79-91.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

Submetido em: junho de 2022.

Aprovado em: agosto de 2022.

Publicado em: outubro de 2022.